



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág.735-751

**Uma reflexão sobre o conhecer e o status científico da
Administração¹**

**A reflection on knowledge and the scientific status of
Administration.**

**Una reflexión sobre el conocimiento y el estado científico de la
Administración**

Gabriela Araújo Silveira

Antonio Roazzi

Bruno Campello de Sousa

Resumo: Este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre o conhecimento e discutir a cientificidade na Administração, a qual, muitas vezes, são atribuídas críticas. Para esse segundo objetivo, são apresentados argumentos fundamentados nos estudos realizados por três importantes filósofos da ciência: Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos. O escopo do ensaio é dividido em três partes, que buscam refletir, respectivamente: 1) como o conhecimento é possível, indicando como a ciência foi ganhando destaque enquanto outros saberes foram sendo invalidados pelo paradigma hegemônico da Ciência Moderna; 2) as consequências de subestimar outros saberes, a contribuição do senso comum na produção de um conhecimento mais democrático e a necessidade de olhar criticamente o estatuto epistemológico imposto pelo *status quo* na produção do conhecimento, que desqualifica o conhecimento produzido pelas Ciências Humanas; 3) a validade científica da Administração, fundamentada nas contribuições de Popper, Kuhn e Lakatos. Conclui-se que há uma necessidade de alcançar um conhecimento acessível e produzido para atender a todos e que a Administração é uma área que busca resolver os problemas inerentes ao seu objeto de estudo, bem como aumentar o conhecimento sobre ele, devendo ser reconhecido o seu caráter científico e sua importância para a compreensão das diferentes nuances e desafios encontrados na sociedade.

¹ Título em inglês: *A reflection on knowledge and the scientific status of Administration.*

Título em espanhol: *Una reflexión sobre el conocimiento y el estado científico de la Administración*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Palavras-Chave: Ciência, Conhecimento, Administração.

Abstract: This theoretical essay aims to reflect on knowledge and discuss the scientific status in Administration, which is often criticized. For this second objective, arguments based on studies by three important philosophers of science are presented: Karl Popper, Thomas Kuhn, and Imre Lakatos. The scope of the essay is divided into three parts, which seek to reflect, respectively: 1) how knowledge is possible, indicating how science gained prominence while the hegemonic paradigm of modern science invalidated other knowledge; 2) the consequences of underestimating other knowledge, the contribution of common sense in the production of more democratic knowledge and the need to look critically at the epistemological statute imposed by the status quo in the production of knowledge, which disqualifies the knowledge produced by the human science; 3) the scientific validity of Administration, based on the contributions of Popper, Kuhn, and Lakatos. It is concluded that it is necessary to achieve accessible knowledge produced at the service of all and that Administration is an area that aims to solve the problems inherent to its object of study, as well as to increase knowledge about it and its scientific character and its importance in understanding the different nuances and challenges encountered in society.

Keywords: Science, Knowledge, Administration.

Resumen: Este ensayo teórico tiene como objetivo reflexionar sobre el conocimiento y discutir la cientificidad en la Administración, que a menudo es criticada. Para este segundo objetivo, se presentan argumentos basados en estudios realizados por tres importantes filósofos de la ciencia: Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos. El alcance del ensayo se divide en tres partes, que buscan reflejar, respectivamente: 1) cómo el conocimiento es posible, indicando cómo la ciencia ha ganado protagonismo mientras que otros conocimientos han sido invalidados por el paradigma hegemónico de la ciencia moderna; 2) las consecuencias de subestimar otros saberes, el aporte del sentido común en la producción de conocimientos más democráticos y la necesidad de mirar críticamente el estatuto epistemológico impuesto por el statu quo en la producción de conocimientos, que descalifica el conocimiento producido por el ser humano. Ciencias; 3) la validez científica de la Administración, basada en las aportaciones de Popper, Kuhn y Lakatos. Se concluye que existe la necesidad de lograr conocimientos accesibles y producidos al servicio de todos y que la Administración es un área que busca resolver los problemas inherentes a su objeto de estudio, así como incrementar el conocimiento sobre el mismo, y su carácter científico y su importancia para comprender los diferentes matices y desafíos que se encuentran en la sociedad.

Palabras Clave: Ciencia. Conocimiento. Administración.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ciência pode ser definida como uma forma de produzir conhecimento que seja útil para a realização de previsões e/ou controle de fenômenos do mundo observável e compartilhável, o que não deve ser confundido com “real” ou “verdadeiro”. A sua essência envolve a construção de ideias abstratas que reproduzam ou antecipem as observações concretas de um dado fenômeno de interesse, o que se dá por meio de uma aliança entre o pensamento racional e a investigação empírica. Contudo, apesar dessa clareza conceitual, existe uma ampla discussão sobre a Administração ser ou não um ramo científico.

Existem aqueles que questionam a cientificidade da Administração não apenas devido ao fato de que ela se apropria do conhecimento e métodos de outras áreas, tais como Psicologia, Economia, Sociologia e Antropologia, mas também porque o seu objeto de estudo, os fenômenos sociais organizacionais, são difíceis ou mesmo impossíveis de se estudar com neutralidade e a objetividade, não se prestando bem à transformação em esquemas lógicos e matemáticos. Essa visão subestima ou ignora a importância de uma área de conhecimento interdisciplinar, bem como atribui uma inferioridade essencial das Ciências Sociais em relação às Ciências Naturais (Chalmers, 1993; Augusto & Walter, 2008; Silva & Costa, 2019).

Contrapondo os argumentos utilizados pela corrente anterior, Machlup (1994) afirma que a dificuldade de neutralidade e objetividade também é comum às Ciências Naturais, pois os pesquisadores desse campo são, da mesma forma, passíveis de sofrer influência de visões e conceitos particulares nos resultados encontrados, como aconteceu com Galilei quando rejeitou a teoria de Kepler em sua teoria sobre o movimento das marés apenas por aquele ser seu adversário. Além disso, existem aqueles afirmando que a ausência de esquemas lógicos e matemáticos não é determinante para a atribuição do caráter científico, bem como a existência de uma ordem por trás dos fenômenos sociais presentes na ciência administrativa que pode ser capturada pelos cientistas sociais através dos seus métodos de investigação, de modo análogo ao que ocorre nas ciências naturais (Tsoukas & Cummings, 1997).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Considerando esse debate e baseando-se nos estudos de Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos, este ensaio teórico busca refletir sobre o conhecimento e discutir a cientificidade da Administração, destacando a importância da pesquisa nessa área para a compreensão das diferentes nuances e desafios encontrados na sociedade. Para isso, o escopo do ensaio está dividido em três partes, que buscam refletir, respectivamente: 1) como o conhecimento é possível, indicando como a ciência foi ganhando destaque enquanto outros saberes foram sendo invalidados pelo paradigma hegemônico da Ciência Moderna; 2) as consequências de subestimar outros saberes, a contribuição do senso comum na produção de um conhecimento mais democrático e a necessidade de olhar criticamente o estatuto epistemológico imposto pelo *status quo* na produção do conhecimento, que desqualifica o conhecimento produzido pelas Ciências Humanas; 3) a validade científica da Administração, fundamentada nas contribuições de Popper, Kuhn e Lakatos.

Como o conhecimento é possível

Dentro da visão epistemológica construtivista, predominante na atualidade, o conhecimento requer a existência de três elementos indispensáveis, sendo eles um Sujeito Cognoscente (ser dotado de intelecto e razão), Objeto Cognoscível (aquilo que será conhecido, seja concreto ou abstrato) e Interação (uma relação bidirecional entre o Sujeito e o Objeto). Uma vez que todos os três estão presentes, o Sujeito constrói uma representação mental do Objeto com qual interage, sendo tal representação o conhecimento. Trata-se da base para a Epistemologia Genética de Jean Piaget (Castañon, 2015), o Sócio-Construtivismo de Lev Semyonovitch Vygotsky (Boiko e Zamberlan, 2001) e a Biologia do Conhecimento de Humberto Maturana e Francisco Varela (Naputano e Justo, 2018). A Figura 1 ilustra essa visão por meio de um mapa conceitual.

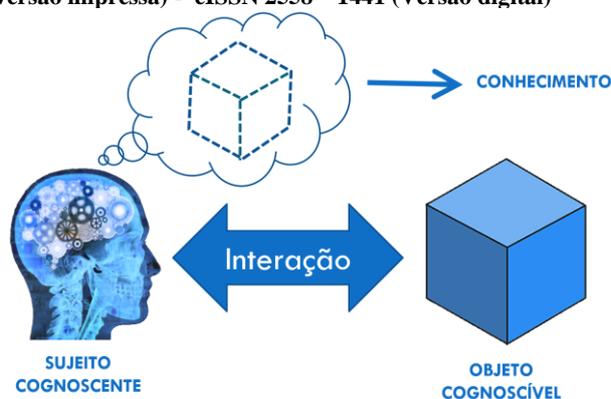


Figura 1. Mapa conceitual da visão construtivista do conhecimento.

A partir dessa visão, mudando-se o Objeto (a natureza do que se está a conhecer), Sujeito (capacidades e idiossincracias) e a Interação (a forma de relacionar com Objeto), muda-se o conhecimento. Uma consequência importante é que, supondo-se que um conhecimento perfeito aquele é fruto apenas das propriedades e características do Objeto, enquanto que o conhecimento que de fato alguém constrói é uma função de Sujeito, Objeto e Interação, nenhum desses elementos sendo neutro ou inócuo, é forçoso concluir que o conhecimento que se constrói de fato nunca corresponde a um conhecimento perfeito.

Com base nesse processo fundamental de construção de conhecimento, inúmeros nuances são possíveis na criação das ideias a partir de diferentes meios de vivenciar aquilo que se vai conhecer, de refletir e organizar as experiências, de representar o que é pensado e de integrar o saber novo com o preexistente. Observa-se o desenvolvimento e diversificação dessas possibilidades ao longo da história da humanidade.

Uma das formas mais antigas de saber é aquela baseada em histórias, onde heróis, deuses e outros personagens são apresentados em narrativas cujas tramas permitem entender o mundo se relacionar-se no cotidiano, fundamentando identidade, valores e relações sociais (Augusto & Walter, 2008). Com religião e fé, surgem saberes populares que se mostraram fundamentais para identificar, apreender, compreender, explicar e representar



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

os tempos e os territórios, os lugares e os sujeitos, as paisagens e as regiões (Saquet, 2019).

Na Antiguidade, Platão, no seu famoso Mito da Caverna, distinguiu entre homens comuns, com conhecimento equivocado baseado em imagens falsas reveladas pelos sentidos (acorrentados nas paredes da caverna e vendo apenas reflexos da luz vindo de fora) e o homem esclarecido (aquele que sai da caverna). Com isso, tem-se uma qualificação e hierarquização do saber, a qual é reforçada pela Lógica de Aristóteles que tenta sistematizar os tipos e níveis do saber a partir da forma com que o pensamento chega a ele (Trindade, 2001).

Muitos séculos depois, na Europa da Idade Média, a Igreja Católica, com sua forte influência na sociedade da época, transformou o Cristianismo de origem popular em um credo dogmático, condicionando a fé e a salvação à mediação dos líderes religiosos, limitando o acesso ao conhecimento, aos textos sagrados, bem como aos demais textos considerados profanos, e estabelecendo uma perseguição aos “hereges”. Assim, a religião passou a ter um papel estruturante da sociedade, permitindo um entendimento comum a uma grande base da população, o que ampliou os limites da civilização e o que poderia ser construído ao longo das gerações separadas no tempo e espaço, mas, ao mesmo tempo, limitou os caminhos que esse saber poderia trilhar e os modos de fazê-lo (Germano & Kulesza, 2010).

Embora originário de componentes do saber medieval Judaico-Cristão, sem os quais seria impossível de se desenvolver, o chamado Renascimento surgiu para combater toda a “obscuridade” da “Idade das Trevas” e estabelecer as bases de uma nova “ciência”, uma nova religião e uma nova sociedade, permitindo o acesso aos textos sagrados, impulsionando a alfabetização popular e, conseqüentemente, qualificando o conhecimento produzido pelos sentidos (Germano & Kulesza, 2010).

A partir do século XV, com as grandes navegações, o mundo moderno foi sendo construído, assentado em projetos colonizadores e civilizatórios que, dentre outras coisas, voltava-se para doutrinar os povos das regiões colonizadas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nas suas formas e conteúdos de pensamento (Santos, Meneses & Nunes, 2006).

Isso levou a uma hegemonização do saber a partir dos padrões europeus, muitas vezes ignorando como inválidas importantes contribuições produzidas pelas culturas de outros continentes, como a América, a África e a Ásia simplesmente por não se adequarem a uma visão específica do que seria “Ciência”, onde o raciocínio está na mente, separado do restante do corpo, das sensações, percepções e emoções, como “se o pesquisador fosse neutro e desintegrado do mundo estudado, como se não fosse, simultaneamente, natural, social e espiritual” (Saquet, 2019).

Graças a uma contemplação da evolução histórica da produção do conhecimento na humanidade, chega-se à atualidade com uma compreensão de que a construção do conhecimento é humana e social, envolvendo o estudo e a resolução de problemas do contexto histórico e social em que se insere e o trabalho de diferentes profissionais, bem como as práticas sociais acordadas entre eles e o diálogo estabelecido com o mesmo contexto histórico e social. Assim, todo e qualquer conhecimento produzido passa pela identidade subjetiva do indivíduo que o está produzindo, levando detalhes da trajetória política, econômica, social e cultural trilhada, inerente, única e indissociável de cada ser humano (Máximo-Pereira, Souza & Lourenço, 2021).

Senso comum versus ciência

A história da humanidade mostra que, em grande parte, a atual noção de Ciência foi estabelecida em função do abandono ou negação de outras formas de construção do saber, particularmente o Senso-Comum e o saber tradicional/popular. Assim, o conhecimento adquirido principalmente pelos sentidos e reflexos, ou por meio das práticas e costumes do cotidiano, produzido coletivamente e socialmente, é preterido em função daquele produzido pela razão (Cotrim, 2002; Santos, Meneses & Nunes, 2006). A Ciência Moderna já nasceu declarando guerra ao Senso Comum, considerando-o superficial, ilusório e falso. Para ela, o conhecimento adquirido através dos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

sentidos, é hierarquicamente inferior ao conhecimento científico, alcançado por meio da razão (Francelin, 2004).

É relevante ressaltar, contudo, que, com todo o seu poder, o conhecimento científico não é o único capaz de constituir um saber de valor, com outras modalidades podendo, inclusive, fornecer subsídios para a Ciência formal. Declarar a irrelevância ou a inferioridade *a priori* dos conhecimentos produzidos pelas experiências da maioria da população mundial é uma ruptura injustificável e contraproducente (Santos, Meneses & Nunes, 2006). Afinal, trata-se de um modo de pensar e não do conteúdo desse pensamento, sendo possível que uma ideia oriunda da chamada “sabedoria popular”, por exemplo, possa ser avaliada cientificamente, para o benefício de todos.

Apesar de tudo, é preciso atentar ao que diz Bachelard (1996), que lembra a importância do fato de que a Ciência atual não nasceu com base em simples generalizações de observações empíricas, mas, sobretudo, a partir de análises e abstrações, isto é, do pensamento capaz de abandonar o plano do Senso Comum, superando as qualidades sensíveis e da experiência imediata. A principal ferramenta que possibilitou a revolução conceitual da Física foi principalmente a Matemática, como se pode ver em Galileu Galilei, Francis Bacon, Descartes, Pascal, Huygens, Newton, e Leibniz, cujas obras foram decisivas para o desenvolvimento do método científico, sendo que os cinco últimos também produziram importantíssimas contribuições matemáticas. Assim, as formas de pensar do cotidiano podem constituir até importante obstáculo a ser superado. Entretanto, como foi dito antes, a exigência de um modo de pensar e não uma justificativa para se descartar conteúdos como irrelevantes apenas por não serem oriundos de um processo formalmente científico (Santos, Meneses & Nunes, 2006).

Em suma, não se pode negar o valor da imensa expansão da abrangência, aplicabilidade e confiabilidade do saber trazida pelo método científico formal com suas deduções e inferências lógico-matemáticas abstratas. Na verdade, é possível arguir que a Ciência é tão mais útil o quanto



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ela for diferente do Senso Comum, caso contrário, seria apenas um mero esforço estético. No entanto, também não se pode deixar de admitir que a totalidade da experiência humana adquirida de forma sensorial, intuitiva e espontânea por meio da vivência, inclusive aquele cristalizado sob a forma de crenças, mitos e arquétipos, frequentemente resulta em conhecimento útil, embora nem sempre. O ideal, portanto, seria avançar o saber científico alimentando-o com os temas e possibilidades trazidos pelo saber cotidiano, popular e tradicional, usando suas poderosas ferramentas para incorporar e expandir os elementos que sobrevivem ao teste.

A subjetividade sociocultural na ciência

O Físico Thomas Samuel Kuhn (1922-1996), estudando a história da Física e seus conceitos, métodos e modelos, observou que, apesar do importante impacto dos gênios individuais que produzem ideias transformadoras e seminais, o estabelecimento e desenvolvimento do conhecimento científico se dá por meio da ação de uma comunidade de cientistas cujas decisões muitas vezes não refletem apenas o rigor da lógica e das evidências, mas acordos coletivos subjetivos acerca do que é ou não válido (Kuhn, 1970).

As ideias de Kuhn emanam da noção de “paradigma”, definido como um conjunto de definições, métodos e pressupostos aceito de forma geral por toda a comunidade científica, sendo a fonte dos critérios praticados para a aceitação ou não de resultados de pesquisa, modelos teóricos e trabalhos acadêmicos. Segundo ele, uma área de conhecimento torna-se científica de fato quando emerge uma congregação de pesquisadores sobre o campo que finalmente entra em consenso quanto a terminologias, conceitos, procedimentos, técnicas e pressupostos básicos a serem aceitos por todos, chegando-se à chamada Ciência Normal, a qual é, essencialmente, hegemônica. Dentro dessa perspectiva, o desenvolvimento científico ocorre apenas por meio de uma mudança nos paradigmas, caracterizando uma Revolução Científica.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mas Kuhn observa que tanto o estabelecimento da Ciência Normal quanto a ocorrência de uma Revolução Científica não dependem apenas de uma constatação acerca da adequação ou não de um paradigma para a previsão ou controle dos fenômenos do mundo observável e compartilhável, havendo forte influência de componentes históricos, sociológicos, culturais e psicológicos. Hábitos, costumes, histórico e até preconceitos condicionam tanto a escolha de qual o paradigma inicialmente estabelecido quanto sua eventual mudança. A força desses componentes é tão grande que, para se ter uma Revolução Científica, não é suficiente o acúmulo de problemas e incongruências empíricos que não podem ser resolvidos pelo paradigma prévio, sendo usualmente necessário que os pesquisadores de uma geração venham a se aposentar ou morrer e uma nova geração que adote o novo paradigma assumam o seu lugar (Kuhn, 1970).

O sociólogo e matemático norueguês Johan Galtung usou uma abordagem semelhante à de Kuhn para produzir um ensaio, baseado em impressões e intuições acumuladas ao longo de muitos anos de experiência acadêmica internacional variada, acerca dos diferentes "climas intelectuais" ao redor do mundo acerca daquilo que é intersubjetivamente aceitável dentro de uma rede de colegas aceitáveis (Galtung, 1981). Segundo ele, por diversos motivos socioculturais e econômicos, existem quatro abordagens intelectuais centradas em certas regiões do planeta que exercem suas influências sobre as periferias, constituindo quatro "estilos": Saxônico (centrado em Oxford e Cambridge na Inglaterra e nas *Ivy League*, Stanford, Berkeley e Caltech nos EUA). Teutônico (centrado na Alemanha, possivelmente em Münster, Marburg, Heidelberg e Tübingen), Gálico (centrado na França, presumivelmente em Paris e Sorbonne) e Nipônico (centrado no Japão, particularmente nas universidades de Tokyo e Kyoto). As demais regiões seriam periféricas, estando sob maior ou menor influência de cada um dos estilos dependendo de elementos geográficos e culturais, havendo combinações



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

deles conforme o caso. O Quadro 1 resume as principais características dos quatro estilos.

A partir de Kuhn (1970) e Galtung (1981) fica claro que o saber científico não se constitui apenas de rigorosas abstrações lógico-matemáticas e evidências empíricas objetivas, mas também de diversas decisões coletivas com elevado grau de subjetividade, inclusive com variações locais e regionais importantes.

Refletindo sobre o conhecimento e a ciência na Administração

A Administração como um todo iniciou sua caminhada científica no início do Século XX, começando a se estruturar, nos anos 1950-1960, em correntes de estudo as quais, na atualidade, cada uma apresenta uma identidade comum em termos de coerência epistemológica, homogeneidade teórica e identidade comum (Bispo & Mello, 2017), contudo, historicamente falando, trata-se de um tempo ainda relativamente curto, não existindo até o momento uma consistência semelhante entre tais correntes. Assim, é possível considerar a área como um todo como ainda em sua fase pré-paradigmática no sentido dado por Kuhn (1970).

Tem-se ainda que a Administração a origem no exercício prático da atividade profissional nas organizações e isso, junto com a sua juventude, a coloca em proximidade e contínua interação com o Senso Comum (Raymundo, 2017; Silva & Costa, 2019). Isso representa um desafio para uma cientificidade cujos paradigmas se afastam do Senso Comum e valorizam os avanços que podem ser quantificados e replicados (Bachelard, 1996; Cotrim, 2002; Francelin, 2004; Santos, Meneses & Nunes, 2006; Santos, 2007). Contudo, como já foi visto, é perfeitamente possível integrar a Administração com a cientificidade ao considerar que muitos dos seus métodos que diferem substancialmente daqueles das *Hard Sciences* constituem apenas formas de explorar o Senso Comum, ou seja, fontes de conteúdos como ideias e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

inspirações, que podem ser posteriormente reconstruídos e potencializados de forma científica.

Quadro 1. Características dos quatro principais estilos científicos segundo Galtung (1981).

Saxônico (Americano e Britânico)

Comentário Intelectual: Favorece, nutre e encoraja o debate e o discurso, com a ideia de que diferentes convicções devem ser trazidas juntas e confrontadas, quem sabe produzindo algo maior do que a soma das partes.

Atitude Perante as Evidências: Considera crucial se ter observações e registros sistemáticos, sem omitir nada, com os dados orientando as discussões sobre os achados.

Construção de Teorias: Encadeamento de palavras fortemente ancorado em bases de dados, produzindo diversos modelos de pequeno alcance com pouca interligação entre eles, não havendo elevado grau de consciência de paradigma.

Exame de Teses: Verificação se os fatos são intersubjetivamente comunicáveis e empiricamente reproduzíveis.

Teutônico (Alemão)

Comentário Intelectual: Pouca diversidade de opinião, com a maior parte do debate dedicada a identificar os pontos fracos das minúsculas discrepâncias, com nenhum esforço para reconhecer qualquer valor na dissidência, tampouco de atenuar eventual mal estar.

Atitude Perante as Evidências: Ênfase na formação de teorias, sendo a função dos dados ilustrar ao invés de demonstrar, com eventuais discrepâncias entre teorias e dados sendo resolvidas às custas dos dados, que passam a ser vistos como atípicos, errôneos ou não pertinentes.

Construção de Teorias: Encadeamento de palavras fundamentado intensivamente na relação lógica de implicação, sendo o objetivo final chegar, a partir de um pequeno número de premissas, a um conjunto de conclusões o mais amplo possível, isto é, a teorias abrangentes

Exame de Teses: Avaliação rigorosa do raciocínio lógico empregado em busca de falhas ou lacunas.

Gálico (Francês)

Comentário Intelectual: Pouca diversidade de opinião, com a maior parte do debate dedicada a identificar os pontos fracos das minúsculas discrepâncias, com nenhum esforço para reconhecer qualquer valor na dissidência, tampouco de atenuar eventual mal estar (idêntico ao Teutônico).

Atitude Perante as Evidências: Ênfase na formação de teorias, sendo a função dos dados ilustrar ao invés de demonstrar, com eventuais discrepâncias entre teorias e dados sendo resolvidas às custas dos dados, que passam a ser vistos como atípicos, errôneos ou não pertinentes (idêntico ao Teutônico).

Construção de Teorias: Encadeamento de palavras altamente persuasivo e dotado de qualidades artísticas de equilíbrio e simetria de contraposições, baseado principalmente na elegância.

Exame de Teses: Diálogo visando ver se o autor tem os padrões verbais adequados e é fluente



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

neles.

Nipônico (Japonês)

Comentário Intelectual: Evita ao máximo danos às relações sociais previamente estabelecidas, com pouca ou nenhuma confrontação intelectual em si, sendo o debate um ato social focado no mapeamento do território intelectual, encerrando-se uma vez que as pessoas aceitam os rótulos das escolas de pensamento.

Atitude Perante as Evidências: Abordagem holística e dialética, evitando afirmações categóricas tanto por sua visão não atomizada quanto por necessidade de modéstia, com raciocínio mais matemático do que voltado para a ciência substantiva.

Construção de Teorias: Não ocorre no sentido ocidental estrito, holisticamente abraçando a ambiguidade, inconsistência e contradição como componentes indispensáveis, mas procura-se uma estrutura do que é "válido" (dentro) se "inválido" (fora).

Exame de Teses: Julgamento da compatibilidade do trabalho e do candidato com a escola e o mentor.

Todas as subáreas da Administração já possuem ao menos um conjunto relevante de pesquisadores atuando dentro delas com métodos claramente científicos num sentido mais tradicional (Schwarzbach & Mussi, 2017; Bazanini *et al.*, 2018), construindo resultados objetivos e proposições empiricamente falseáveis no *modus tollens* de Popper (1975). Também existem múltiplos programas de pós-graduação e suas redes de relacionamento pessoais e profissionais que constituem núcleos de pesquisa os quais possuem as hipóteses básicas de suas teorias protegidas por hipóteses auxiliares que podem ser refutadas sem comprometer a sua essência (Silva & Mello, 2017; Silva & Costa, 2019), produzindo agendas com convergência frente a um propósito mais amplo e com perspectiva de longo prazo, correspondendo a Programas de Pesquisa, conforme definidos por Lakatos (1979).

Deve ser notado que uma parte dessas variações em métodos existentes na área podem ser atribuídas aos variados graus de influência dos quatro estilos de Ciência, com o Gálico e Nipônico sendo mais subjetivos e o Saxônico e Teutônicos mais objetivos, tudo dependendo fortemente de geografia e história (Galtung, 1981). Pode-se ver, por exemplo, que no EUA as pesquisas em Administração tendem a ser mais quantitativas, ou seja, estatísticas e matemáticas, enquanto que no Brasil, possivelmente devido a uma influência



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

européia, quem sabe francesa, privilegia-se a construção de um discurso dialético.

Há quem diga ainda que há a necessidade de uma teoria administrativa independente, propondo uma abordagem substantiva da organização, baseada epistemologicamente na racionalidade substantiva em oposição a uma racionalidade instrumental, para sair da “periferia da ciência social” (Serva, 2017).

Tem-se, portanto, que a Administração tem bases bem estabelecidas para uma eventual cientificidade, possivelmente até já se encontrando nesse ponto, dependendo da capacidade de integrar harmoniosamente a interação com a prática, a sintonia entre os seus diversos ramos e uma identidade própria consolidada.

Considerações finais

O presente ensaio teórico tem como objetivo estimular a reflexão sobre o conhecimento científico em Administração, levantando questões a serem pensadas, como quais os métodos válidos de pesquisa e teorização. Através de um passeio por diversas visões acerca de aspectos fundamentais da Ciência, bem como da sua evolução e relacionamento com o Senso Comum, verifica-se que a área tem ao menos o potencial de produzir soluções úteis para a previsão e controle de fenômenos ligados às organizações. Entretanto, a pesquisa em Administração ainda tem um caminho pela frente a trilhar na luta por uma maior autonomia e reconhecimento em relação às Ciências Naturais, pela sua afirmação como uma ciência com métodos e técnicas próprios, sem ser impelida a se adequar a uma base epistemológica incompatível com seu objeto de estudo, com sua substantividade e com seu compromisso ético e social.

Referências

Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Bazanini, R., Sanchez, P. A., Silva, J. R., & Santos, B. (2018). A atuação estratégica do profissional de media training na perspectiva da teoria dos stakeholders: o emprego do método falseacionista de Popper. *Revista de Administração UNIMEP*, 16(1), 1-27.
- Bispo, C. M., & Mello, C. M. (2017). Reflexão epistemológica sobre a cientificidade da Administração: distinções e justaposições entre pesquisa e prática a partir das abordagens de Popper, Kuhn e Lakatos. *Revista de Administração da UNIMEP*, 15(2), 233-257.
- Boiko, V. A., & Zamberlan, M. A. T. (2001). A Perspectiva Sócio-Constructivista da Psicologia e na Educação: O Brincar na Pré-Escola. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 6(1), 51-58, jan./jun. 2001.
- Castañon, G. A. (2015). O Que É Construtivismo? *Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 4*, 1(2), 209-242.
- Chalmers, A. F. (1993). *O que é ciência afinal?* São Paulo: Editora: Brasiliense.
- Cotrim, G. (2002). *Fundamentos da filosofia: história e grandes temas*. São Paulo, SP: Saraiva.
- Faria, M. L. V. C., & Guerrini, I. A. (2012). Limitações do paradigma científico hegemônico no acolhimento ao sofrimento psíquico na atenção básica. *Revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 16(42), 779-792.
- Francelin, M. M. (2004). Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. *Revista Ciência da Informação*, 33(3), 26-34.
- Galtung, J. (1981). Structure, Culture, and Intellectual Style: An Essay Comparing Saxon, Teutonic, Gallic, and Nipponic Approaches. *Social Science Information (SAGE, London and Beverly Hills)*, 20(6), 817-856.
- Germano, M. G., & Kulesza, W. A. (2010). Ciência e senso comum: entre rupturas e continuidades. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 27(1), 115-135.
- Kuhn, T. (1970). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lakatos, I., & Musgrave, A. (1979). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Machlup, F. (1994). Are the social sciences really inferior? In: *Readings in the Philosophy of Social Science*. Cambridge: The MIT Press.
- Máximo-Pereira, M., Souza, P. V. S., & Lourenço, A. B. (2021). Mapas conceituais e a elaboração de conhecimento científico na história da ciência: algumas aproximações teóricas. *Revista Ciência & Educação*, 27, 1-16.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Naputano, M., & Justo, S. S. (2018). A biologia do conhecer de Maturana e algumas considerações aplicadas à educação. *Ciênc. Educ., Bauru*, 24(3), 729-740.
- Popper, K. R. (1975). *Conhecimento Objetivo: uma abordagem evolucionária*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Raymundo, P. R. P. (2017). *O que é administração*. São Paulo: Coleção Primeiros Passos.
- Santos, B. S. (2007). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Santos, B. S., Meneses, M. P. G., & Nunes, J. A. (2006). Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes. *Revista de Direito Ambiental da Amazônia*, 4(6), 11-103.
- Saquet, M. A. (2019). O conhecimento popular na praxis territorial: uma possibilidade para trabalhar com as pessoas. *Geotema*, 5-16.
- Schwarzbach, L. C., & Mussi, F. B. (2016). Desenvolvimento do conhecimento científico em marketing: os conceitos de ciência de Popper, Kuhn e Lakatos nas publicações do Enanpad 1997-2014. *Revista Espacios*, 38(4), 1-15.
- Serva, M. (2017). Epistemologia da Administração no Brasil: o estado da arte. *Cadernos EBAPE.BR.*, 15(4), 740-750.
- Silva, E. D., & Costa, R. S. (2019). Uma reflexão epistemológica sobre o status científico da Administração sob a ótica dos critérios de demarcação científica de Popper, Kuhn e Lakatos. *Revista Ciências Administrativas*, 25(3), 1-15.
- Trindade, A. A. (2001). Ciência e senso comum: uma reflexão ilustrada por comentários sobre o filme O Carteiro e o Poeta. *Pró Ciência*. São Paulo, 29 de julho de 2001 Disponível em: <https://www.academia.edu/5499754/Ciencia_e_Senso_Comum>. Acesso em: 10 de julho de 2021.
- Tsoukas, H., & Cummings, S. (1997). Marginalization and recovery: the emergence of Aristotelian themes in Organizations Studies. *Organization Studies*, 18(4), 655-683.
- Walter, S. A., & Augusto, P. O. M. (2008). O status científico da pesquisa em Administração. *Revista de Negócios*, 4(13), 56-71.

Recebido: 30.12.2022 Aceito: 31.12.2022 Publicado:01.01.2023



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Autores

Gabriela Araújo Silveira – Doutoranda em Administração

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Programa de Pós-Graduação em Administração

E-mail: gabriela.silveira@ufpe.br

<http://lattes.cnpq.br/1180292781269932>

Antonio Roazzi - D.Phil (Oxon)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Programa de Pós-Graduação em Administração

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

E-mail: roazzi@gmail.com.

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi

Bruno Campello de Souza – Ph.D.

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Programa de Pós-Graduação em Administração

E-mail: bcampello@uol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/4871710017456971>

<https://www.researchgate.net/profile/Bruno-Campello-De-Souza>